



7 • Correio Braziliense — Brasília, sexta-feira, 28 de junho de 2024

Bolsas Na quinta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na quinta-feira	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
1,36% São Paulo	122.637 24/6 25/6 26/6 27/6	R\$ 5,507 (-0,22%)	R\$ 1.412	R\$ 5,895	10,40%	10,41%	IPCA do IBGE (em %)
0,09% Nova York							Janeiro/2024 0,42 Fevereiro/2024 0,83 Março/2024 0,16 Abril/2024 0,38 Maio/2024 0,46

CONJUNTURA / Presidente renova as críticas a quem vincula suas falas à alta do dólar e volta a atacar especuladores. Ministro procura contemporar e reafirma compromisso em cortar gastos, mantendo a atenção do governo aos vulneráveis

Lula reage a ‘cretinos’, Haddad fala em ruído

» VICTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, reagiram ontem às críticas do mercado financeiro como “policial bom e policial mau”. Se Haddad adotou um tom conciliador e reconheceu a necessidade de ajustar a comunicação, Lula chamou de “cretinos” os que relacionam suas falas contra o corte de gastos à subida do dólar — incluindo jornalistas.

Os dois discursaram durante reunião do Conselho, no Palácio do Itamaraty, para um público formado por boa parte dos ministros e representantes dos setores produtivo e financeiro. O governo também recebeu apoio público dos presidentes da Federação Brasileira de Bancos (Febraban) e da Confederação Nacional das Indústrias (CNI), embora tenham destacado a necessidade de cortar gastos — os dois fazem parte do Conselho como representantes da sociedade civil.

“Ontem (anteontem), depois da minha entrevista ao Uol, saíram algumas manchetes de alguns comentaristas dizendo que o dólar tinha subido por causa da entrevista do Lula. Os cretinos não perceberam que o dólar tinha subido 15 minutos antes de eu dar a entrevista. Ou seja, esse mundo perverso de as pessoas colocarem para fora aquilo que querem, sem medir as consequências, é muito ruim”, discursou, irritado, o presidente Lula.

Já pressionada por fatores externos, a cotação do dólar acelerou logo após a entrevista do presidente na quarta, fechando o dia em R\$ 5,519 — maior patamar dos últimos dois meses. Operadores apontam que as declarações públicas de Lula descartando o corte de gastos têm causado temor nos investidores, e não é de hoje. Críticas à independência do Banco Central na semana passada também foram malvistas.

Na avaliação de aliados do presidente, porém, ocorre um “ruído” entre o governo e o mercado financeiro, já que os indicadores econômicos concretos, como o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e o desemprego, estão em bons patamares.

Lula também fez um alerta aos especuladores. “Pode ter certeza: quem estiver apostando em derivativo (especulando o mercado futuro) vai perder dinheiro. As pessoas não podem ficar apostando no fortalecimento do dólar e no fracasso do real. Eu vi isso em 2008. As pessoas achavam que era importante ganhar dinheiro apostando no dólar e quebraram a cara. Não quebrar outra vez”, disse.

Após três dias em alta, o dólar fechou ontem em queda de 0,22%, cotado a R\$ 5,5075. Contribuíram para acalmar os investidores as declarações de Lula de que “sempre há lugar para cortar no orçamento” e que o “Brasil tem muito subsídios e desoneração”.

Defesa

O presidente da República também saiu em defesa de Haddad, alvo de críticas após propor a limitação de créditos do PIS/Cofins como alternativa para compensar a desoneração da folha de pagamentos de 17 setores e das prefeituras. Lula argumentou que não é contra a isenção de impostos, mas

que as empresas deveriam apresentar contrapartidas aos trabalhadores, como a garantia de emprego. Quando a desoneração foi aprovada pelo Congresso, Lula vetou, mas os parlamentares reagiram.

“Foi derrubado o meu veto. Nós entramos na Suprema Corte, que deu um prazo para os empresários, Congresso e Fazenda darem uma alternativa. O Haddad pensou em uma alternativa. Você (Haddad) tomou tanta porrada, que eu jamais achei que esse moço tão bondoso seria tão achincalhado. E foi”, relatou o presidente. O chefe do Planalto aproveitou para passar outro recado. “Não fica nervoso não, Haddad. A responsabilidade de apresentar a compensação é dos empresários e do Senado. Se não apresentar, fica mantido o veto. É simples assim”, comentou.

Coube a Haddad, que discursou antes de Lula, apaziguar os investidores. Ele citou que incertezas no cenário externo, como a manutenção da taxa de juros americana e as eleições nos Estados Unidos e na França, estão causando turbulências no mercado brasileiro. Porém, defendeu que o país está no caminho certo, e citou a possibilidade de cortar gastos, apesar das ressalvas de Lula.

“A forma de proteger a nossa própria economia é acelerar a agenda de reformas econômicas, acelerar o desenvolvimento de políticas públicas. Buscar o ajuste fiscal, sim, pelo lado da receita e pelo lado da despesa, com inteligência”, explicou o ministro. Para o chefe da equipe econômica, é “absolutamente possível” Lula terminar o mandato com uma inflação média de 4% ao ano, e um crescimento médio de 3% do PIB. Assim, para Haddad, o país caminha para a menor inflação média de um mandato desde o Plano Real.

O ministro fez uma apresentação PowerPoint com diversos dados positivos da economia, incluindo os históricos de inflação, crescimento econômico e desemprego. Ainda assim, Haddad admitiu dificuldades do governo em comunicar o que está sendo feito.

“Nós reconhecemos a necessidade de encerrar as pressões dos gastos públicos. Desde que, como sempre lembra o presidente, cuidemos dos mais vulneráveis. Reconhecemos os desafios internos e externos. Temos que calibrar nossa comunicação, emitir os sinais corretos para toda a sociedade brasileira, de sustentabilidade social, fiscal e ambiental”, discursou o ministro da Fazenda.

O presidente da Febraban, Isaac Sidney, atribuiu a reação do mercado a ruídos e defendeu a atuação do governo. “Me parece que podemos afirmar que nós estamos distantes de um descontrolado fiscal, mas nenhum país está imune. Não podemos baixar a guarda, e eu confio que o governo está atento a isso”, disse o banqueiro. Porém, frisou que é preciso controlar a inflação e ajustar as contas.

Já o presidente da CNI, Ricardo Alban, disse que a dívida pública brasileira em relação ao PIB é pequena se comparada com outros países, e fez um discurso alinhado com a visão de Lula. “Temos que, talvez, fazer uma reflexão entre a dívida pública boa e a ruim. Dívida pública boa é aquela que permite fazer investimento, geração de riqueza, emprego e desenvolvimento social”, afirmou.

Paulo Pinto/Agência Brasil



É importante que eu fique até o último dia. Vai ser o primeiro grande teste do processo de autonomia (do Banco Central)

Campos Neto, presidente do Banco Central

A forma de proteger a nossa economia é acelerar a agenda de reformas econômicas, o desenvolvimento de políticas públicas. Buscar o ajuste fiscal, sim, pelo lado da receita e pelo lado da despesa, com inteligência”

Fernando Haddad, ministro da Fazenda

As pessoas não podem ficar apostando no fortalecimento do dólar e no fracasso do real. Eu vi isso em 2008. Quebraram a cara. Vão quebrar outra vez”

Luiz Inácio Lula da Silva, presidente da República

Campos Neto: fico até o fim do mandato

» RAPHAEL PATI
» ROSANA HESSEL

Considerado “adversário” pelo Palácio do Planalto, o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, deixou claro que pretende cumprir o mandato na íntegra, até 31 de dezembro deste ano.

Durante a apresentação do Relatório de Inflação (RTI) do 2º trimestre, na sede de São Paulo do BC, Campos Neto afirmou que nunca tocou nesse assunto. Ele defendeu sua permanência no comando da autarquia até o último momento e citou o processo de autonomia iniciado em 2021, com a aprovação do mandato fixo para os presidentes da autarquia.

“É importante que eu fique até o último dia. Vai ser o primeiro grande teste do processo de autonomia, mas também é importante que a autonomia tenha valor institucional, muito mais do que o valor político. Significa que eu tenho o dever de fazer uma transição suave, independentemente de quem seja o sucessor, e fazer isso de tal forma que fique claro que o Banco Central é um órgão técnico”, argumentou Campos Neto.

A nomeação do sucessor no comando do Banco Central compete ao presidente da República. Gabriel Galípolo, diretor de Política Monetária, é apontado como favorito, mas Lula ainda não bateu o martelo. Em entrevista, ontem, a uma rádio mineira, o petista chamou Galípolo de “menino de ouro” e que o ex-colaborador do ministro Fernando Haddad tem “todas as condições para ser presidente do BC”.

Na avaliação de Campos Neto, é importante que o sucessor dialogue com os parlamentares e ajude a realizar uma “transição suave”, antes da sabatina na Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado Federal, que normalmente ocorre em novembro. Sobre a avaliação de setores do mercado que defendem a tese de que uma

» Indústria ainda tenta se recuperar

O setor industrial brasileiro tenta se recuperar de um longo período pelo aumento do desemprego no setor. Nos últimos três anos, cresceu a quantidade de pessoas ocupadas na indústria, como indica a Pesquisa Industrial Anual (PIA) Empresa 2022, divulgada ontem (27) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2022, houve um acréscimo de 213,4 mil empregados (2,6%). Apesar do aumento, o setor ainda não se recuperou da crise iniciada durante o governo da ex-presidente Dilma Rousseff, quando a indústria perdeu mais de 1,2 milhão de empregos de 2013 a 2016. (RP)

antecipação da troca de comando poderia ser benéfica para o fim das tensões com o governo. Campos Neto preferiu não comentar sobre o assunto.

Juros

Mesmo com as críticas do governo, o presidente do BC enfatizou que a autoridade monetária não projeta aumento de juros. O receio veio após a instituição interromper o ciclo de cortes na taxa básica da economia (Selic), na semana passada. Além disso, Campos Neto reforçou que “as decisões do BC são técnicas”, buscando reduzir qualquer tipo de ruído. “Alta de juros não é o nosso cenário base”, disse.

Segundo Campos Neto, a comunicação oficial do Comitê de Política Monetária (Copom), que encerrou o ciclo de queda dos juros e manteve, por unanimidade, a taxa Selic em 10,50%, reforçou que não há perspectiva de aumento de juros no cenário atual. Apesar de o

colegiado não retomar a sinalização futura (forward guidance), o BC segue cauteloso na missão de perseguir o centro da meta de inflação, de 3% ao ano.

Ainda de acordo com o líder da autarquia, o Banco Central seguirá atento às mudanças de cenários, mesmo sem o forward guidance. “Isso não significa que não estamos vigilantes e vamos debater em cada reunião”, frisou.

Campos Neto ressaltou o caráter técnico na decisão unânime do Comitê. “A decisão tomada foi no sentido de dirimir essa interpretação de ruído e que a nossa decisão foi técnica”, afirmou. Ele ressaltou que, no último Copom, houve um “espírito de equipe muito grande”.

O chefe do BC comentou ainda a mudança do sistema de metas da inflação. O anúncio foi feito na última quarta-feira, após reunião entre Lula, Haddad e Galípolo — sem a presença de Campos Neto. A partir de agora, a meta da inflação será contínua.

Campos Neto destacou que a alteração pode garantir maior fomento ao investimento a longo prazo, taxa de juros longos mais estáveis, além de maior eficiência no canal de transmissão de política monetária. “Acho que isso ajuda muito, porque dá estabilidade na previsão da meta, faz com que os agentes financeiros consigam entender melhor o sistema, ter mais previsibilidade, e maior previsibilidade significa maior capacidade dos agentes de se programarem”, acrescentou.

Campos Neto ainda respondeu os boatos de que ele possa ser nomeado ministro da Fazenda se o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), fosse eleito presidente da República em 2026. Segundo o economista, isso nunca foi discutido. Reforçou ainda que não deve se candidatar a algum cargo nas próximas eleições. “Não tenho a pretensão de me candidatar a nada, nem ser político, nem nada”, disse.